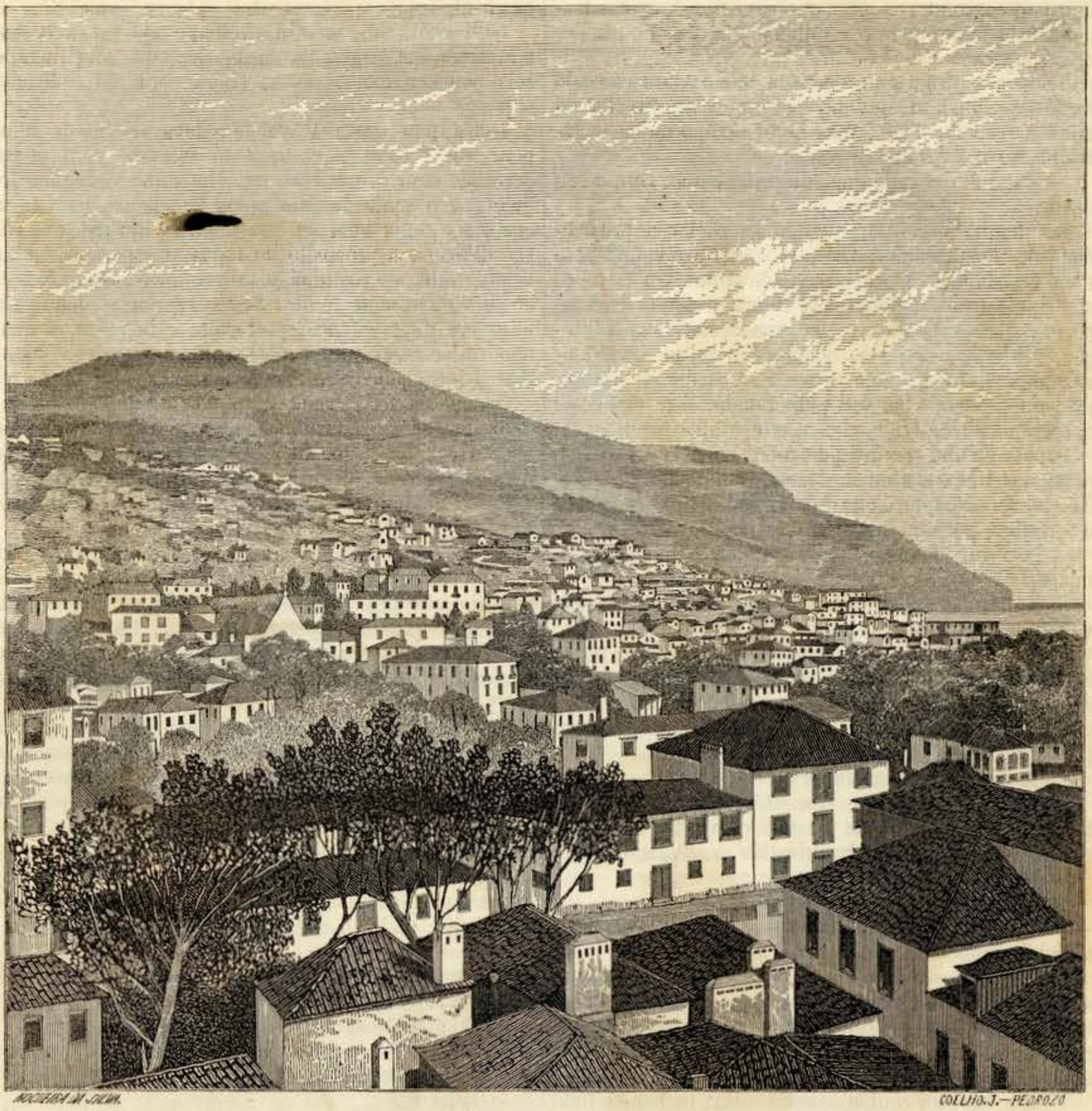
ILHA DA MADEIRA



Funchal, parte da cidade a léste, e o cabo Grajão — Desenho de Nogueira da Silva, por uma photographia de Vicente Gomes

O cabo Grajão, que se vê na estampa, e o pontal da Cruz, que já démos n'outra gravura [1], formam a bahia da deliciosa ilha da Madeira, onde fundeam os muitos navios que demandam aquelle porto.

Diz o padre Antonio Cordeiro, na sua *Historia Insulana*, que os descobridores da Madeira, Gonçalves Zargo e Tristão Vaz, chamaram a este cabo a ponta *do Garajáo* [2], nome de um passaro dos mares da India (e de Africa), porque n'aquella paragem appareceram muitos aos bandos, indo poisar nas cabeças e nos remos dos primeiros exploradores das costas d'aquella ilha.

Em volta d'esta bahia é que está edificada a cidade do Funchal, capital da ilha. A nossa estampa mostra apenas a parte que fica a léste. Começa a casaria á beiramar, e vae subindo pelo dorso do monte que domina a cidade, com uma fortaleza ou castello no alto, chamado de S. João do Pico. Pela parte de traz da cidade ha um amphitheatro de montanhas, algumas de seis mil pés de altura, rasgadas em pincaros alcantilados e fragosas, cuja sombria côr, denso arvoredo e constante vegetação, realça a brancura dos edificios, e o córte das ruas sobre o declivo do monte, o que dá ao Funchal esse maravilhoso aspecto que tanto tem exaltado a imaginação dos escriptores nacionaes, e ainda mais dos estrangeiros, que sobre esta ilha tem publicado numerosos volumes, e copiado as vistas mais pittorescas.

Ao que sobre esta poetica ilha, conhecida pela antonomasia de *flor do Oceano*, escrevemos no citado num., acrescentarêmos, que o Funchal, capital de provincia, é cidade episcopal, e conta de população 29:800 almas.

Para a gravura que hoje apresentâmos, servimo-nos da excellente collecção de photographias do sr. Vicente Gomes da Silva, que tambem comprehende os trajos e usos dos habitantes da Madeira, alguns dos quaes estamparemos nos proximos numeros.

[1] Vid. o n. 18 do vol. IV.
[2] Hoje chamam-lhe geralmente do *Grajao*, não sabemos com que fundamento.

O CONTRA-MESTRE

(TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO)

Andando a visitar as minas de carvão de pedra em Cornuailles, onde as crianças se empregam em trabalhos do maior perigo e difficuldade, tinha o sr. Remond reparado n'um contra-mestre rapaz, cuja viva intelligencia e linguagem correcta lhe haviam causado impressão. Dirigiu algumas perguntas ao director da mina a respeito d'elle, mas obteve como unico esclarecimento a seguinte resposta:

— É um empregado que cumpriu sempre com o seu dever.

Na manhã seguinte, quando ia visitar a propriedade de um fazendeiro visinho, que o convidára para uma caçada de raposas, o sr. Remond viu o moço contra-mestre sentado á porta de uma casinha de campo, de aspecto risonho, e que parecia ser a sua habitação. Williams, assim se chamava o rapaz, levantou-se, quando viu proximo de si o sr. Remond, e comprimentou-o com polidez e dignidade. Este deteve-se e travou conversação com o sympathico joven.

Depois de lhe ter dirigido muitas perguntas a respeito dos trabalhos da mina, da qualidade do carvão, da abundancia que d'elle havia, e dos processos para o extrahir, perguntou-lhe se era d'aquella terra.

— Não sou, meu senhor, respondeu Williams, nasci no paiz de Galles.

— É um paiz bem pobre, mas bem digno, observou o sr. Remond.

— Digno, creio eu que é, porque o mestre da nossa eschola referiu-nos muitas vezes grandes actos de coragem e dedicação praticados por nossos avós para defesa da sua liberdade; mas que é pobre, sei-o eu por experiencia.

— Já conheceu a miseria?

— E posso dizer que é mestra rude, mas muito boa; se não fosse o que aprendi com ella, não estaria hoje contra-mestre da mina do sr. Watson.

— Então como foi isso?

— Contos largos, meu senhor!

— E não se poderão saber? — perguntou o sr. Remond sorrindo-se.

Williams desculpou-se, dizendo que não havia na sua historia coisa alguma que podesse interessar estranhos; sendo porém muito instado pelo sr. Remond, resolveu-se a fallar. Apresentou-lhe uma cadeira, e começou por estas palavras:

«O que lhe vou contar é pouca coisa; passou-se tudo muito simplesmente e conforme a vontade de Deus. Eramos quatro orphãos, que tinhamos só como unico recurso o soldo de meu irmão mais velho, que andava ao serviço nos navios do rei. João se chamava elle, remettia-nos regularmente a sua soldada, e era o bastante para pagar o sustento das nosssas duas irmãs e do Ricardito. Eu tinha então onze annos e andava no monte a guardar gado.

Por conseguinte tudo ia bem, e a velha em casa de quem estavam minhas duas irmãs e o Ricardito, ia todos os mezes á cidade receber o dinheiro que mandava o João. Um dia porém... lembra-me como se fosse hoje... vinha eu descendo pela encosta do monte a fazer uma gaitinha de sabugo para o pequeno, vejo-a, que voltava com o parecer transtornado.

— Que tem, tia Kitly? — perguntei-lhe.

— És tu? gritou ella apenas me viu; ainda bem que te encontro. Sabes que me vejo em talas com os teus irmãos! Quem me ha de pagar os meus dezeseis schellings e seis pences?

— Pois não recebeu o dinheiro do João?

— O João, repetiu a velha, esse deixou-se caír de um cesto de gavia, desgraçado!

— Está ferido?

— Morreu.

— Não tenho certeza de ter comprehendido o quanto queria dizer esta palavra: *morreu;* mas parece-me que recebi dentro em mim um grande abalo. Sentei-me machinalmente na estrada, sem dar palavra, e fiquei como idiota.

— Morreu, sim, repetiu a velha, e aqui estou eu sem ter quem me pague os meus dezeseis schellings e seis pences. Chora, rapaz, chora para ahi, que não adiantas nada.

— Eu não chorava; repetia devagarinho de mim para mim: *João morreu, João morreu*, sem poder perceber bem o que isto era. Mal tinha visto meu irmão, só o conhecia pelos seus beneficios, para mim era mais genio bom do que homem. Em todos os casos difficeis, a proposito de todas as esperanças mais vagas, tinha-me costumado a dizer: *Se o João quizesse*, como vulgarmente se diz: *Se Deus quizesse*. João para mim era uma potencia protectora e benefica, á qual não tinha dado corpo, posto que não podesse associar a idéa que d'elle formava com a idéa da morte.

Depois de ter permanecido por algum tempo sentado na estrada, levantei-me lentamente e dirigi-me para a cabana da tia Kitly. Ao aproximar-me da porta ouvi meu irmão Ricardo a chorar, e a voz rude da velha dizendo-lhe: Já tens comido mais pão do que me hão de pagar.

N'este momento entrei a porta, e vi minhas irmãs de pé, no canto mais escuro da casa, com o Ricardo sentado aos pés. Em logar do tacho de sopas com toucinho, que lhes costumavam dar, tinha cada um d'elles na mão um bocado de pão negro e sêcco, do que era costume amassarem para a criação da tia Kitly.

A este espectaculo, não sei como foi que senti o coração ferido e desatei a chorar. Já comprehendia o que significavam aquellas palavras: *o João morreu.* Os dias seguintes ensinaram-m'o de todo. A velha foi successivamente diminuindo ás pobres crianças o bocado de pão, que cada vez lhes parecia mais negro e mais escuro, porque tambem cada vez mais lh'o deitavam em rosto; por ultimo chegou um dia a casa do fazendeiro, onde eu estava a servir, e disse-lhe na minha presença:

— Estou resolvida a não conservar por mais tempo em casa aquella ninhada de cães.

— Qual ninhada? perguntou-lhe meu amo.

— O irmão e as irmãs d'este rapaz, respondeu ella apontando para mim.

— Estremeci.

— E que destino tenciona dar-lhes? disse eu, interrogando-a?

O destino que elles me dariam, se os continuasse a sustentar. Deitem-se a pedir esmola.

— Pois terá alma de desamparar assim umas pobres crianças, que educou e que a tem considerado até agora como sua mãe?

— Pois descobre-me tu o meio de sustentar quatro bocas com o quinhão de uma só, retorquiu a velha. Antes quero deixal-os ir por esse mundo de Chsisto do que estar a vel-os soffrer ao pé de mim. A miseria faz a gente má, e parece-me que chegaria a aborrecel-os se os tivesse por mais tempo na minha companhia. A gente não póde ir além das suas forças, os ricos que os sustentem.

Não respondi coisa alguma, porque no fim de contas não achava razões capazes de commover a velha. Entretanto parecia que se me despedaçava o coração. Se tivesse forças como meu defuncto irmão, serviria de pae áquelles orphãos. Desgraçadamente porém mal chegava á cabeça de minha irmã mais crescida, e o sr. Dickson, o fazendeiro a quem servia, só me dava de soldada algum fato velho e dois pares de tamancos por anno.

Em quanto reflexionava d'esta fórma, continuára a conversação entre Dickson e a sua *visinha velha.*

— Se ao menos estivessemos perto das carvoarias, dizia esta, podiamos arranjar por lá a pequena mais velha.

— É uma triste vida, observou o fazendeiro abanando a cabeça.

— Tambem não digo que não, mas pagam bem, e o que a rapariga ganhasse chegava para sustentar a irmã e o Ricardito.

Pareceu que um raio de luz me tocára e exclamei:

— E d'aqui a oito milhas não ha carvoarias?

— Ha, sim, e então? — perguntou-me a velha.

— Então posso eu ir trabalhar para lá, e entregar-lhe a parte do meu salario, bastante para o sustento das tres crianças.

A tia Kitly levantou a cabeça e olhou para mim.

— Eras capaz d'isso?

— O rapaz não sabe o que é aquelle trabalho debaixo do chão, acrescentou o sr. Dikson.

— É verdade que não sei, tornei-lhe eu, mas como os outros se resignam a viver por lá, tambem eu me posso resignar, por amor das minhas irmãsinhas e do Ricardito.

A velha ficou pensativa, e acrescentou d'alli a instantes:

— Sempre é sustentar tres com o trabalho de um.

Mas Dikson disse, que no caso de eu ir para as carvoarias, podia minha irmã ficar em casa d'elle, em meu logar; e d'esta maneira a tia Kitly só teria que sustentar duas das crianças. Ficou por conseguinte tudo combinado d'esta maneira, e logo no outro dia de manhã parti para as minas, depois de ter abraçado meu irmão e minhas irmãs.

Dikson tivera razão quando me disse que eu não sabia o que era aquelle trabalho debaixo da terra. Ao principio, quando senti descer o tunnel, em que me sentára para baixar ao poço, e quando vi desapparecer o sol, pareceu-me que ia entrar na minha sepultura. Mas foi muito peior, quando cheguei á galeria. Vi um formigueiro de homens, nús até á cintura e todos negros de carvão; estavam uns de joelhos, outros acocorados, muitos de costas, e todos se mexiam em silencio ao clarão das lampadas. Pareceu-me ver realisada uma antiga gravura, em que tinha reparado n'outros tempos, e que estava em casa de um visinho meu representando os supplicios do inferno.

Havia tambem n'aquella turba multa lugubre de trabalhadores, algumas crianças que faziam rodar carros de mão pelos carris, ou que abriam e fechavam as portas das galerias mal saiam as carradas.

Era para este ultimo emprego que me tinham destinado. Metteram-me para um nicho aberto n'uma parede da galeria, e deram-me para a mão uma corda que servia para abrir e fechar a porta.

O trabalho cançava pouco; mas a solidão, e por conseguinte o silencio forçado, e mais que tudo a obscuridade, lançaram-me n'uma profunda tristeza. Imagine o senhor um rapaz costumado a viver no meio das giesteiras e dos tojaes em flor, a ver nascer e pôr o sol no campo, a correr por toda a parte onde os pés o podiam levar, condemnado de repente á immobilidade, ás trevas e á atmosphera ardente d'aquelles horrorosos subterraneos!

Nos primeiros dois dias tratei de não me dar ouvidos, oppondo a vontade a estas sensações; mas no fim d'este praso a vontade cedeu, e comecei a desanimar; levei por vezes horas a fio a chorar, parando só quando já não tinha lagrimas, e tornando a começar mal as conseguia ter.

Apesar de tudo isto estava bem resolvido a conservar-me. Dizia commigo mesmo: teu irmão João morreu trabalhando para os pequenos; trabalha como elle trabalhou, ainda que morras tambem. É o teu dever. Tantas vezes fui repetindo estas palavras, que por fim cobrei animo, e receando que me voltasse o desalento, fiz como as crianças medrosas, que mettem a cabeça debaixo da roupa para não verem; deixei de olhar para o que me cercava, deixei de pensar, e cheguei a conseguir tal grau de indifferença, que por ultimo já puxava pela corda machinalmente sem saber o que fazia.

Durou isto assim alguns mezes; mas passado pouco tempo fui percebendo que me adormecia o espirito de todo, e que já o não podia acordar quando me era preciso. Ouvi um dos contra-mestres dizer um dia passando ao pé de mim.

— Este rapaz vae-se tornando idiota.

Aquellas palavras atterraram-me. Se me tornasse idiota, como poderia eu proteger minhas irmãs e meu irmão? Para que poderia servir? Onde havia de encontrar patrão que me quizesse?

Resolvi pois sacudir o meu entorpecimento, e dar exercicio ao espirito que havia tempos se achava, por assim dizer, de braços cruzados. A difficuldade toda consistia em lhe achar occupação que o podesse entreter, sem que voltasse á tristeza do costume.

Comecei divertindo-me a contar os carrinhos de mão, que passavam carregados por diante de mim. Depois de ter visto quantos passavam por hora, quiz saber quantos passavam por dia, por mez, por anno. Lembrei-me de que havia dias de descanço, e fiz o respectivo abatimento; multipliquei o numero que tinha achado pelas galerias onde se explorava egual quantidade de carvão, dividi o total em tres partes, e vim a saber d'esta maneira quanto cabia a cada um dos associados. Este problema modificado por mil maneiras, principiado e concluido todos os dias, costumou-me a fazer de cabeça todas as operações usuaes.

Quando cheguei a este ponto aborreci-me da arithmetica e entrei a cogitar n'outra coisa. Tinha uma biblia onde me haviam ensinado a ler, quando era pequeno. Entrei a aprendel-a de cór nas horas de descanço, e quando voltava para o meu nicho, repetia a meia voz as passagens que já sabia, fazia diligencia de perceber o que aquellas palavras queriam dizer, e o modo por que estavam escriptas.

Entretinha-me tambem a fazer as letras no ar com os dedos, o que dava vontade de rir aos carreteiros que passavam. D'esta fórma aprendi a exprimir-me mais correctamente, e adquiri alguns conhecimentos de orthographia e de grammatica elementar, em que me aperfeiçoei depois.

Por este tempo vagaram alguns logares de mineiros rapazes e mandaram-me para as galerias.

O trabalho era mais penoso, mas tambem era mais bem pago, e a gente não estava condemnada á inacção.

Continuei a observar e a reflectir dirigindo perguntas aos mineiros mais velhos a respeito do que via, e procurando reter as instrucções que devia á sua experiencia.

Recebia principalmente estas lições ás horas de jantar, ou de manhã, quando vinha para o trabalho, porque saiamos todos os dias noite fechada, e entravamos para os poços antes de amanhecer. Estive assim tres annos sem ver sol, senão rarissimas vezes, quando nascia, e sem ver o campo que todos os dias atravessava. Só de quando em quando, de madrugada, a caminho da mina, apanhava algumas florinhas bravas que levava para debaixo da terra, para me lembrar de que lá por cima ainda havia ar, luz e flores.

Tenho quasi vergonha de lhe contar todas estas puerilidades; mas logo verá a razão por que o faço.

Pelo meio dia tocava a jantar. Suspendiam-se todos os trabalhos, e reuniam-se as crianças todas no fundo do poço da galeria, onde chegava alguma luz, e onde

se via um bocado de ceo do tamanho da palma da mão, mas azul e transparente.

Um dia em que estava com os meus companheiros n'este mesmo sitio, propuz a uma rapariguita, chamada Jenny, uma visita a um corredor feito n'essa manhã e por onde se ia dar a um veio novo. Acompanhou-me e entrámos de rastos no corredor, que já tinha uns vinte passos de extensão.

Quando chegámos ao fim, levantei a lampada que trouxera, para lhe mostrar o córte do terreno, e dar-lhe explicações que me dera o contra-mestre, quando de repente um estalar surdo se fez ouvir a alguns passos de distancia. Jenny voltou-se com uma exclamação de terror, quasi no mesmo momento abateu o corredor atraz de nós, e achámos-nos assim envolvidos nos terrenos desabados.

Não lhe posso dizer que tempo fiquei aturdido; quando porém tornei a mim achei-me sentado no fundo do corredor, n'uma obscuridade profunda, mas sem ferida alguma.

Estendi os braços para procurar Jenny, estava a meus pés, caída sem sentidos; chamei por ella, porque não ousei mexer-me, respondeu-me com um gemido. A pobre criança ia tornando a si com difficuldade, por fim pareceu que me ouvia, percebi que se levantava, e perguntou-me onde estavamos.

— Enterrados nos corredores — respondi-lhe eu.

Poz-se de pé, como se n'esse só momento lhe lembrasse tudo, e deu um grito.

Recommendei-lhe que se calasse, porque podia ser que, entrando a gritar, promovesse novo desabamento. Calou-se logo, e percebi que chorava.

Tambem conheci que me ia faltar o animo; mas disse commigo, que era uma vergonha dar a conhecer a minha fraqueza a Jenny, que só me tinha a mim por unico amparo. Procurei consolal-a o melhor que pude, asseverando-lhe que não tardaria sermos soccorridos.

Entretanto iam passando as horas sem que houvesse mudança alguma na nossa situação. Mais de vinte vezes me pareceu ouvir enxadadas indicando que abriam caminho para onde nós estavamos, e mais de vinte vezes reconheci depois que me enganava. Calculei que devia ser noite, e que os mineiros deviam ter recolhido. Era impossivel que não tivessem dado pelo desabamento do corredor; mas como ninguem nos víra entrar, podia ser tambem que não julgassem que estavamos lá enterrados; e n'esse caso passariam naturalmente muitos dias antes de principiarem com os trabalhos de remoção da terra. Esta idéa tirou-me o resto das forças; pensei no meu valente irmão, que morrêra como eu ia morrer tambem; pensei em minhas irmãs, no Ricardito, e desatei a chorar, mas a chorar devagarinho para não affligir Jenny.

Passou a noite, seguiu-se o dia, e não appareceu ninguem. Começava a sentir muita vontade de comer; procurei o bocado de pão que na vespera deixára por acabar, e ia cravar-lhe os dentes, quando Jenny, que havia muito tempo se conservava calada, disse a meia voz:

— Tenho tanta fome...

Lembrou-me que era mais fraca e mais nova do que eu, dei-lhe o pão que me restava. Entretanto iam correndo as horas, e começava a faltar-nos o ar. Jenny começou a proferir palavras desconcertadas, como se estivesse com febre. Umas vezes chorava e pedia soccorro; outras ria e cantava; mas os seus cantos e os seus risos faziam-me soffrer mais do que os choros.

Eu procurava infundir-lhe idéas alegres, ou conservar-lhe as que lhe occorriam. Imaginava-se no campo, esbagoando espigas de trigo ou trançando palhinhas, como fazia n'outros tempos. Dera-lhe eu um ramo de flores de ortelã brava, que encontrára séccas na minha algibeira, e ella referindo-se ás flores dizia-me: Não sentes o aroma que exhalam os campos d'além? São latadas de tomilho que a tia Potter plantou á roda do colmeial.

Desculpe-me o senhor ter-me demorado tanto com estes pormenores; mas quando temos na nossa vida corrido um perigo muito grande, ficam bem gravadas na memoria todas as circunstancias que o acompanharam, por mais insignificantes que sejam; de tal maneira mesmo se nos afiguram preciosas, que nos parece deverem interessar tambem muito aos outros. Mas não quero preoccupal-o por mais tempo.

Como eu já receava, só no terceiro dia repararam no sinistro, só então começaram a desentulhar com todo o cuidado, e conseguiram tirar-nos do nosso sepulchro quasi mortos.

O ar livre, e os cuidados que nos ministraram, restabeleceram-nos em pouco tempo. Foi então que o sr. Watson visitou por acaso as minas do paiz de Galles. Quiz ver-nos, a mim e a Jenny, e foi esta que lhe contou como tudo se tinha passado; pareceu ficar satisfeito com o meu procedimento, propoz-me que o seguisse, e veiu a ser o meu protector. Graças a elle, pude ir educando minhas irmãs e o Ricardo, chegar a contra-mestre e casar com Jenny, que sempre me agradeceu o bocado de pão e o ramo de flores de ortelã brava.»

O sr. Remond ouvíra a historia de Williams com muito interesse; quando este acabou, o seu ouvinte apertou-lhe cordialmente a mão.

— Agradeço-lhe a sua historia, disse-lhe, é, ao mesmo tempo, exemplo e doutrina, provou pelo seu modo de proceder, que não ha posição alguma n'este mundo, por mais desesperada que pareça, da qual se não possa saír, com o auxilio de Deus, se tivermos coragem e resignação.

POÇO ARTESIANO DE PASSY

Quando a 26 de fevereiro de 1841 rebentou n'um jorro, n'uma columna de 22 centimetros de diametro, vinda da profundidade de 547 metros, a agua do poço artesiano de Grenelle, em Paris, disse-se que era a maior façanha hydraulica d'este seculo. Sete annos de constante trabalho levára esta obra, dirigida pelo engenheiro Mulot, á custa da camara municipal de Paris, vencendo-se inauditos obstaculos para chegar á represa da agua, tendo-se quebrado a grande profundidade a verruma, o que retardou quatorze mezes de trabalho. A final, quando já se estava para abrir mão de obra tão dispendiosa, rebentou a agua, e se elevou á altura de mais de 1.700 pés!

Deu o poço de Grenelle a principio 3:400.000 litros de agua cada 24 horas, o que anda por 7.555 pipas das nossas por dia.

Estava porém reservado para um engenheiro allemão, a gloria de vencer Mulot, no mesmo theatro da façanha de Grenelle, em Paris.

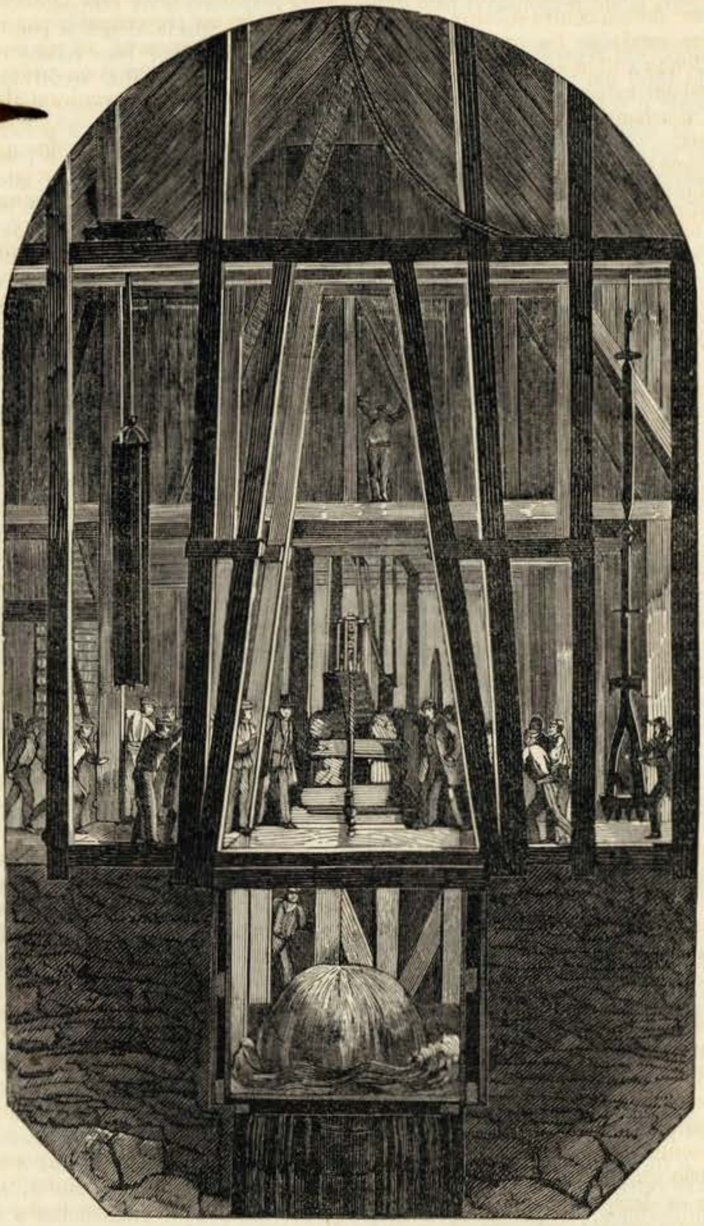
Da idéa de transformar o bosque de Boulogne em jardim inglez, nasceu a de fazer alli diversos lagos e ribeiras. Por essa occasião um engenheiro allemão, M. Kind, já conhecido pelas sondagens que havia feito em Creut, offereceu-se para abrir alli uma fonte artesiana que daria mais agua que uma duzia de poços de Grenelle. Propoz elle que abriria um furo cujo diametro excedesse muito o de Mulot, que apenas tinha 22 centimetros, quando o d'elle chegaria quasi a um metro.

Admittindo que as materias arenosas que compõem a bacia de Paris, possuem dobrada densidade da que tem a agua, e que a profundidade do poço devia ser de 500 a 600 metros, era um peso superior a 400,000 kilogrammas o que M. Kind tentava arrancar, grão a grão, das entranhas da terra. Além d'isso, era neces-

sario guarnecer o furo da sonda de tubos que tivessem uma resistencia até então desconhecida. O certo é que M. Kind encarregou-se d'esta obra por empreitada, obrigando-se a concluil-a n'um anno, com um credito de 350:000 francos.

Nomeou-se uma commissão em que entraram Elie de Beamont, Pelouze, Poricelet, Marie, Junchier, Lorieux, Michol, Alphand e Dorcel, presidida por Dumas. Deu esta o seu parecer a favor, e logo o prefeito do Sena assignou o contrato proposto por M. Kind.

Em poucos dias se levantou um edificio de madeira, que por muito tempo attrahiu milhares de visitantes, onde se collocou a machina de vapor, para trabalhar



Poço artesiano de Passy

com monstruosas ferramentas, sendo necessario pelo menos a força de 25 a 30 cavallos para mover cada peça.

O furo foi feito com um enorme trépano, que pesava 1,800 kilogrammas. Um engenho admiravelmente combinado e movido por vapor, levantava o trépano até á altura de 60 metros, e o deixava cair com todo o peso sobre o solo. Nenhuma rocha podia resistir a este choque espantoso, repetido com regularidade muitas vezes por minuto.

Para augmentar o effeito da quéda, o trépano estava armado de pontas ou dentes de aço, do comprimento de 25 centimetros, pesando 8 kilogrammas. E eram dispostos com tanta simplicidade, que se podiam substituir, n'um instante (os que se gastavam ou quebravam), todas as vezes que o apparelho subia ao nivel do terreno.

O effeito produzido pelo choque do trépano variava segundo a dureza das camadas que ia rompendo. Ordinariamente profundava 1,m5 a 2,m com 300 a 400 golpes, o que dá meio millimetro por cada um.

A 31 de março de 1857, o furo tinha chegado já á profundidade 528 metros; estava quasi tocando na agua; podia-se prever que rebentaria ao fim de quinze ou vinte dias, quando de repente o tubo que retinha as argilas quebrou a uns 30 metros abaixo do solo.

D'aqui resultou a demora de mais de tres annos, e o augmento do triplo da despeza orçada. Todos os calculos se confundiram com este fatal sinistro.

M. Kind ficou impossibilitado de poder cumprir o seu contrato, que era dar a obra prompta dentro de um anno, como já dissemos. A camara municipal resiliu-o, e tomou a seu cargo a continuação dos trabalhos, ficando todavia M. Kind dirigindo a sondagem como até alli, subordinado á commissão inspectora, que se tornou de algum modo responsavel pelo exito da operação.

Não se perdeu tempo em reparar este desastre: e a 13 de dezembro de 1859 um poço falso de 57,^{m}46, feito de alvenaria desde o solo, atravessava todas as camadas perigosas. As dimensões que se adoptaram para esta construcção accessoria foram mais consideraveis que as da propria sondagem; aos dois primeiros terços d'este poço falso deram-se 3,^{m} de diametro, e ao ultimo terço quasi 1,^{m}70.

Este trabalho foi longo, arduo e até perigoso. Mais de uma vez os operarios fugiram atterrados, sendo necessario que os engenheiros da camara dessem o exemplo de confiança na solidez da obra, descendo adiante até ao fundo, e demorando-se lá muito tempo.

Finalmente conseguiu-se que o trépano continuasse a trabalhar, até que se encontrou a agua pela primeira vez a 577,^{m}50. Depois de algumas oscillações, parou a poucos metros abaixo do nivel do chão, e recusou subir mais alto. Se ficasse n'este ponto, fôra necessario construir-se uma bomba para a trazer ao nivel superior; mas as investigações feitas por muitos geologos tinham demonstrado já, que por baixo das areias aquiferas de Grenelle, existia um ou mais lençóes de agua capazes de alimentar muitos poços artesianos.

Effectivamente, continuando-se a perfuração, a agua chegou ao nivel do solo no dia 24 de septembro de 1861 ao meio-dia. É n'essa occasião que a nossa estampa representa o poço artesiano de Passy.

N'esse dia as promessas de M. Kind foram excedidas, e as suas esperanças quasi realisadas. O volume de agua, ao primeiro golpe da sonda, chegou a 15.000 metros cubicos; subiu logo a 25.000, e nunca desceu de 17.000.

O poço de Grenelle deu no principio 2.000 metros cubicos por dia.

As duas nascentes de Passy e de Grenelle parece não serem independentes uma da outra, o que succederia necessariamente se a camada de argila que as separa, remontasse até aos terrenos absorventes que lhes dão origem.

Acha-se a mesma composição nas aguas provenientes dos dois poços, ainda que o jorro de Passy não tinha a principio a mesma limpidez que o de Grenelle. O volume porém de materias argilosas que sáem do furo de M. Kind, é menos consideravel do que se poderia suppor. Tem-se calculado que a proporção não excede a 33 cem-millesimos, e que os primeiros 160.000 metros cubicos de agua não arrastaram mais de 200 metros cubicos de materias insoluveis. Á medida que o poço vae brotando, as areias do fundo lavam-se; forma-se uma rêde de pequenos canaes por onde a agua chega ao tubo; e por isso é provavel que em poucos mezes as aguas recolhidas no reservatorio de Passy sejam tão limpidas como as de Grenelle.

LEITURAS MORAES

O REI CIDADÃO — UMA CRIADA CONDECORADA

Os soberanos não reinam absolutos, senão quando estribam o seu poder no coração dos vassallos. E qual é na verdade o seu melhor dominio?

O amor d'elles.

Então é o monarcha viva imagem de Deus na terra, e ninguem póde deixar de obedecer-lhe com docilidade. Então se recebem com gosto as suas leis, e assim se executam, porque os vassallos fazem por adivinhar-lhe os pensamentos. Os reis são como paes rodeados de filhos solicitos em mostrar-lhes a sua submissão, que nunca é verdadeira sem o consorcio da ternura. N'isto nada mais fazemos do que dar uma idéa dos sentimentos que animam um dos soberanos mais respeitaveis da Europa.

El-rei de Suecia alegra-se com ver o seu povo, e ser visto d'elle, e por isso recebe cada dia acatamentos superiores ao respeito servil que a falsa grandeza costuma extorquir ao temor, tributo pouco lisongeiro, pago antes ao logar que á pessoa.

Gustavo III, desprezando a pompa fastosa, que tem por alheia do ser de homem, atravessava uma aldeia desconhecida em figura de um simples viajante, cuja nobre physionomia dava indicios de vestir uma alma ainda mais nobre. E vendo uma rapariga do campo tirando agua da fonte, com tantas graças e candura, que lhe prendeu a attenção, pediu-lhe agua para beber.

— Com todo o coração lh'a darei, tornou ella; mas não me demore muito, que minha mãe ha mister de mim; e toda a pressa é pouca para tornar a ella.

— Tendes mãe? — perguntou o principe.

— Sim, senhor, tenho essa dita; mas é pobre, e n'este mundo não tem outrem que a console senão eu.

— E onde moraes vós? — continuou o principe.

— Lá em baixo — replicou a donzella.

— Aonde? n'aquella miseravel palhoça?

— Aquella é, replicou a donzella, a nossa habitação.

N'isto apeou-se el-rei, e tomando as redeas do cavallo, proseguiu:

— Ora bem, formosa donzella; vamos, que eu vos acompanho, para ver essa mãe que tanto amaes.

— Ah! senhor! disse a moça, amo-a de todo o coração, e quem me dera dar-lhe provas d'este amor!

Quando ella dizia isto, iam já chegando á sua humilde cabana, onde Gustavo entrou juntamente com ella, e ouvindo gemer, viu que a rapariga se encaminhava a uma pobre barra, dizendo:

— Minha mãe, aqui está um senhor a quem dei de beber, e que vem vêl-a.

O principe estava já compadecido á vista da palhoça, que era o asylo da mesma pobreza, mas augmentou-se-lhe a compaixão, quando viu uma pobre velha opprimida de doenças, lançada sobre uma pouca de palha, e bradou:

— Ah! pobre mãe! quanta lástima me causaes!

Ai, senhor, tornou a velha, muito mais deploravel seria o meu destino, se eu não tivesse esta querida filha, que faz todas as diligencias por mitigal-o. Podereis crer que ella leva dias e noites a trabalhar, e que com o seu trabalho me alimenta? Deus a abençôe, e lhe pague, acrescentou a velha, chorando.

— Oh! que excellente filha! exclamou então el-rei chorando. E quereis vir, querida filha, para Stokolmo? Eu vos dotarei lá, e vos casarei.

— Ah! senhor! Eu não deixaria minha mãe, ainda que fosse para ir ser rainha.

— Ora bem, estimavel donzella, replicou el-rei. Já que não quereis sair d'aqui, nem apartar-vos de quem vos deu o ser, cumpre-me recompensar a vossa virtude. Aqui tendes esta bolsa...

— Dinheiro? — tornou a donzella. Minha mãe, quer que o aceite?

— Não receies, continuou o principe, acceitar esta fraca mostra da minha estimação.

E ella ajuntou:

— Seja embora para minha mãe. E logo lhe foi entregar a bolsa.

— Sabei, continuou Gustavo, que podeis receber esse dinheiro sem perigo de vossa honestidade; eu tenho direito de vos beneficiar, sou o vosso rei...

— O nosso rei! — exclamaram mãe e filha. A velha ia-se lançar aos pés de Gustavo, onde a donzella estava já de joelhos, mas o monarcha, correndo onde a velha jazia, e obrigando-a a ficar deitada, lhe disse:

— Deixae-vos estar, minha mãe; sim, eu, continuou o principe chorando, sou vosso rei... vosso pae, e vos darei provas da minha compaixão.

E fallando com a donzella, proseguiu:

— Continuae em tratar de vossa mãe, e logo abraçando a velha, concluiu:

— Adeus, minha boa mãe. Minhas amigas, vós fizestes-me gostar o prazer de ser rei; inda bem que vos posso remediar.

E tanto que chegou a Stokolmo, mandou dar áquellas pobresinhas uma pensão vitalicia, com sobrevivencia para a que vencesse a outra em dias. E constando-lhe depois, que havia na aldeia um lavrador mancebo, que era affeiçoado á donzella, mandou-lhe commetter que casasse com elle, acrescentando ao primeiro beneficio o de lhe dar um dote; e assim vivem hoje casados, não se esquecendo a filha de sua mãe, de quem trata com todo o cuidado, abençoando toda aquella familia a cada instante o seu bom rei, que assim lhe chamam.

E quem dirá que este titulo não equivale bem aos de conquistador, victorioso e grande?

Será possivel que a humanidade nunca venha a cair na conta de seus interesses?

Historiadores, litteratos, sabei distribuir melhor vossos louvores, e fareis homens os vossos heroes. Pagae tributos á gloria de Gustavo Vasa, e de Gustavo Adolpho, mas á de Gustavo III dae todos os vossos encomios.

O rei cidadão é que é o principe dos monarchas. Que gosto, que deliciosa embriaguez não é para as almas sensiveis o terem de celebrar similhantes monarchas! A vida del-rei de Suecia é toda cheia de acções d'este teor, e não cuide o leitor que prostituimos aqui os encomios, com desdoiro nosso e de quem os recebe. Tornâmos a dizer com enthusiasmo, aqui dâmos a Gustavo o puro e livre tributo da verdade.

O facto seguinte andou em todos os diarios, e só servirá de amplificar o que acabâmos de dizer.

«Uma criada sueca servia certa viuva moça e carregada de filhos; e posto que necessitasse do seu serviço, não a podia manter e assalariar em razão das suas poucas faculdades. Mas o desinteresse e compaixão d'esta boa criada, tiraram a ama do enleio em que se via, e não querendo nunca deixal-a, lhe disse:

— Senhora, eu lhe farei o serviço de casa, não quero ser-lhe pesada; nas minhas horas vagas trabalharei para me manter, para o que hei mister tão pouco, que ainda me ha de sobrar tempo.»

Esta acção chegou á noticia del-rei, e o soberano mandou dar á criada uma boa porção de dinheiro, e parecendo-lhe que amor tão desinteressado merecia melhor premio, enviou-lhe a medalha de oiro de Gustavo Vasa, e a criada foi condecorada com ella em grande e lustrosa ceremonia nos paços do concelho, onde concorreram todos os principaes moradores da capital. A moça appareceu alli com todo o recolhimento da modestia, e o mesmo grão-mestre lhe poz a commenda ao pescoço, entre redobradas acclamações dos assistentes. Entretanto manavam dos olhos da criada lagrimas de prazer, e acabada a funcção tornou para a casa de sua ama, com quem se acha, servindo-a com o zelo e affecto que lhe grangearam aquella honra.

Nunca se repetirá sobejamente aos legisladores, que não basta punir, mas que é tambem necessario premiar. Esta acção feita por um rei, páre logo infinitas pessoas virtuosas. Quantos criados não se afervorariam por aquelle premio tão nobre, e o unico que póde recompensar a virtude? O dinheiro é insufficiente para este fim; é a estimação publica, é a soldada que recebe a virtude.

Pegou fogo em casa de um mercante de Strasburg, e um soldado, a risco de sua vida, rompeu pelas chammas, vae-lhe buscar seu filho, tira-o das garras da morte que o ameaçava, e vem trazel-o á mãe, que exclamou, offerecendo dinheiro ao seu bemfeitor:

— «Ah! senhor, tudo quanto tenho é vosso, se o quereis.

— Senhora (replicou o compassivo soldado), por dinheiro fazem-se d'estas acções?

Este soldado merecia uma commenda. E quem ignora quantas acções admiraveis de patriotismo fazia obrar entre os romanos a tenue recompensa de uma coroa de folhas de carvalho?

ANTONIO DE MORAES E SILVA. [1]

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

(Vid. pag. 269)

III

Tão prospero e risonho era o estado da egreja japoneza, que o P. Valignani julgou que devia mostrar aos principes christãos do Japão a conveniencia e opportunidade de enviarem a Roma embaixadores, que por elles beijassem o pé do vigario de Christo, e lhe dessem, como a cabeça e pastor universal da egreja catholica, a devida obediencia em seu nome e de seus estados, já que por si o não podiam fazer. Eram estes principes, Francisco e Protasio, reis de Bungo e Arima, e Bartholomeu, principe de Omura, os quaes, assentada a expedição da embaixada, escolheram a quatro principes de sangue real e seus parentes por embaixadores. Foram estes, Mancio Ito, mancebo de dezeseis annos, filho de um irmão do rei de Fiunga e sobrinho do de Bungo que o enviava; Miguel Cingiva, tambem de dezeseis annos, enviado do rei de Arima, e do principe de Omura, dos quaes era primo e sobrinho. E por companheiros foram-lhes dados Juliano de Nicaura, e Martinho de Fara, parentes do rei de Arima. Foram mais com elles o P. Diogo Mesquita por mestre e pedagogo, o P. Nuno Rodrigues, e o irmão Jorge de Loyola por interpretes.

Sigâmos agora para a narração d'esta famosa embaixada, o Diario que d'ella escreveu o P. Duarte de Sande que deixámos citado no primeiro capitulo d'esta memoria. Trata o auctor no colloquio I das causas que houve para mandar esta embaixada á Europa.

Foram estas as seguintes:

Primeira, fazer ver aos japões por seus proprios olhos, e tocar com mão, a grandeza, o poder, e magnificencia da Europa, de que não tinham outras noticias mais que as recebidas dos portuguezes e missionarios, a fim de que, regressando depois á sua patria, dessem diante dos seus conterraneos testimunho certissimo da verdade, sem a minima suspeita de mentira, destruindo assim as falsas opiniões concebidas no Japão das coisas da Europa.

Por esse tempo os japões, como refere o auctor, tinham noticias certas sómente dos reinos da China e de Sião, além de uma muito vaga e escura de *Nambangim*, isto é, dos habitantes do reino austral, a que os japões chamavam *Nambam*, e os chins *Nanfan* ou região austral, onde ouviam dizer que iam os mercadores portuguezes e os missionarios. O mesmo au-

[1] O auctor do *Diccionario*, nas «Recreações de um homem sensivel.»

ctor faz explicar a um dos interlocutores do dialogo, que o mundo se divide em cinco partes, a saber, Europa, Africa, Asia, America, e uma terra a que os escriptores chamavam incognita.

Foi a segunda causa, o ter sido sempre até alli difficilimo aos padres persuadirem os japões que a religião, que de tão longe lhes tinham ido annunciar, era inteiramente verdadeira, apesar de lhes ser desconhecida, e que a religião dos seus Cámis e Fótoques, em que tinham sido por tanto tempo educados, era falsa; e por isso apenas se decidiam a trocar a antiquissima lei das falsas divindades péla nova mas verdadeira doutrina de Deus, especialmente não sabendo que povos a tinham abraçado, e qual a nobreza e esplendor dos seus seguidores. Accrescia a isto, que a pobreza e humildade dos missionarios entre povos vaidosos e desallumiados da fé, lhes tirava o prestigio, não podendo elles convencer-se, por apparencias taes, da magestade e grandeza do nome christão, tendo-o ao contrario na conta de vil e abjecto, retardando assim não pouco a propagação do Evangelho.

Era a terceira causa, que pois os reis e principes do Japão não podiam por si mesmos apresentar-se aos pés do supremo pastor da christandade, lhe mandassem por embaixadores render obediencia e homenagem em seu nome, e assim fizessem mais conhecido e celebre em Roma e na Europa o Japão, e recebessem por elles, do pontifice romano, as provas do amor que a tão remotos filhos dedicava, e assim podessem abraçar a fé catholica os que ainda a não tinham, levados da benevolencia e caridade paternal do mesmo pontifice.

Taes foram as principaes causas d'esta embaixada, ás quaes juntam alguns escriptores a instancia do rei de Bungo para a beatificação do P. Francisco Xavier, e a de todos a pedirem bispo para as suas christandades.

Esclarecido o leitor com estes preliminares, passa o auctor ao colloquio II, em que trata da viagem do Japão a Macau, e d'alli ao estreito de Singapôr.

Partiram pois de Nangasaki os quatro embaixadores em uma nau portugueza de Ignacio de Lima, fidalgo portuguez, no dia 20 de fevereiro de 1582, indo por seu director o P. Valignani, visitador dos jesuitas no Japão, com os seus socios da visita, o P. Lourenço de Mexia, e o irmão Oliverio Toscanelli, por seu mestre o P. Diogo de Mesquita, e por companheiro, para não perderem o uso da lingua japoneza, o irmão Jorge de Loyola, além dos familiares e criados do seu pessoal serviço. A nau, ainda que grande e bem construida e armada, soffreu muito da agitação do mar. A 9 de março, tendo navegado trezentas legoas, surgiram no porto de Macau, onde o bispo, o governador, e os padres da companhia os receberam com grande alvoroço. Não acompanharemos o auctor nas descripções por menor da navegação da India, e dos portos e cidades em que entraram os embaixadores, limitando-nos ao essencial e que mais tocar a suas pessoas, salvas algumas excepções onde nos parecerem necessarias.

Demoraram-se dez mezes em Macau aguardando a monção, que mal apontou levantaram ferro e velejaram para a India, de conserva com um junco chinez, e outras duas naus portuguezas. Uma d'estas, cujo capitão muito instára para que os embaixadores se embarcassem com elle, por ser maior e mais bem armada e fornecida que a de Ignacio de Lima, despedaçou-se n'uns rochedos perto de Malaca, com prejuizo de mais de 400:000 cruzados, salvando-se porém toda a gente que levava.

Segue-se o colloquio III, em que se descreve a chegada a Malaca e a Cochim. Dista Malaca 600 legoas de Macau. Receberam-n'os carinhosamente o bispo e o governador, e foram hospedar-se no collegio que os padres da companhia alli tinham, costume que com poucas excepções observaram em todo o tempo da sua vinda e torna-viagem. Tendo descançado oito dias n'aquella então famosa e rica cidade, hoje reduzida a pobre aldeia, e cuja decadencia bem póde comparar-se com a nossa n'aquellas partes, continuaram a sua derrota para a India. Entraram no porto de Columbo, na ilha de Ceylão, possuida já então pelos portuguezes, e seguindo viagem montaram o cabo Comorim, não sem perigos; navegando ao longo da costa da Pescaria, desembarcaram em uma das aldeias d'aquella costa, para descançar alguns dias n'uma das muitas residencias que os missionarios da companhia alli tinham, entre as quaes visitaram as de Trichandura, Manapor, e Tutocorim. Reparadas as forças perdidas com a trabalhosa navegação d'estes mares, em que o P. Mesquita, e o embaixador Mancio acamaram perigosamente, passaram a Coulão, e d'alli a Cochim, onde chegaram a 7 de abril do seguinte anno de 1583. N'esta cidade, a principal que os portuguezes possuiam depois de Goa, estiveram como que em quarteis de inverno até apontar a monção de navegar para Goa.

No colloquio IV trata-se da chegada dos portuguezes á India, e do estabelecimento do imperio portuguez n'aquellas partes. Estando ainda em Cochim, recebeu o P. Valignani cartas de parabens do vice-rei da India, e o governador ordem para fornecer os embaixadores e a sua comitiva de todo o necessario com abundancia. Passadas as chuvas que costumam durar de maio a agosto, partiram nos primeiros dias de outubro para Goa, aonde com ventos prosperos chegaram em breves dias.

N'esta celeberrima capital do imperio portuguez do Oriente, foram os embaixadores recebidos de immenso povo que acudiu a vêl-os, e pelos padres da companhia, com os quaes se hospedaram. Foram logo comprimentados em nome do vice-rei da India, que então era D. Francisco Mascarenhas, conde de Villa da Horta, da illustre familia dos Mascarenhas; e pouco depois foram visital-o, e entregar as cartas que para elle traziam de Francisco e Protasio, reis de Bungo e Arima, e de Bartholomeu, principe d'Omura. A urbanidade, o alvoroço e contentamento que o vice-rei mostrou n'esta visita foi o mais cordial que se podia esperar de tão nobre fidalgo.

Por conselho do padre visitador amoldavam-se quanto podiam os embaixadores aos usos, costumes e trajos dos paizes em que estavam, excepto nas visitas das auctoridades e dos principes, aos quaes se apresentavam sempre em todo o rigor da etiqueta e trajo da sua nação. Vestidos pois á japoneza, visitaram o vice-rei da India, e na Europa o cardeal Alberto, vice-rei de Portugal, el-rei D. Filippe, e a imperatriz viuva sua irmã, e finalmente o summo pontifice, a quem principalmente era enviada a embaixada, acrescentando comtudo ás vestes japonezas outras portuguezas, como sobcogulas, pellotes e gorros de finissima lã, e muito bem trabalhados. [1]

No colloquio V falla-se da origem e das qualidades dos indios, e das casas dos padres da companhia na India, começando por um elogio ao vice-rei por suas acções, assim no governo d'aquelle estado como na guerra. Na primeira audiencia que este fidalgo deu aos embaixadores do Japão, abraçou-os, e lançou ao pescoço de cada um d'elles uma cadeia de oiro com caixinhas de reliquias de santos, e mandou que fossem providos de todo o necessario para o sustento e habitação, no que se gastaram mais de tres mil cruzados.

(Continúa) A. J. F.

[1] É para notar, que tendo os embaixadores do Japão, n'esta primeira embaixada, usado de vestes portuguezas sobre as do seu uso, como refere o padre Duarte de Sande, que os viu, os japonezes que ha pouco estiveram em Lisboa não alteraram em nada o seu rigoroso trajo.